

Pe. Antônio de Lima Brito nds

ANIMAÇÃO VOCACIONAL



PRINCÍPIOS NORTEADORES



CENFAVOS significa Centro de Formação de Animadores Vocacionais Sionense. Trata-se de uma organização especializada em:

- Orientação Vocacional,
- Animação Vocacional,
- Assessoramento Vocacional,
- Capacitação de Animadores Vocacionais.

POR QUÊ CENFAVOS?

Deus quer a salvação de todos (Cf. 1Tm 2, 4; Jo 6, 38-39; 10, 10).

A Animação Vocacional exige uma boa formação. Os cristãos necessitam de maior conscientização, quanto à sua corresponsabilidade de promover as vocações.

Há urgência de maior investimento de recursos humanos e materiais na Promoção Vocacional. Mais racionalização na aplicação dos recursos destinados às vocações.

A realidade atual reclama por uma inovação na maneira de animar as vocações. Há falta de centros formadores de agentes. Com mais Animadores competentes e santos, a Igreja intensificará a presença do Reino de Deus no mundo, tornando os humanos mais dóceis ao chamado divino.





Pe. Antônio de Lima Brito ods

ANIMAÇÃO VOCACIONAL

PRINCÍPIOS NORTEADORES





1 - FÉ.....	9
2 - ORAÇÃO.....	11
3 - SACRIFÍCIO.....	13
4 - TESTEMUNHO.....	15
5 - SACRAMENTOS.....	17
6 - ECLESIALIDADE.....	19
7 - CORRESPONSABILIDADE.....	21
8 - UNIDADE.....	23
9 - DOCTRINA CONSISTENTE.....	25
10 - CIÊNCIAS AFINS.....	27
11 - PROMOÇÃO.....	29
12 - INCULTURAÇÃO.....	31
13 - PEDAGOGIA DO SERVO.....	33
14 - DIDÁTICA ADEQUADA.....	35
15 - COMUNICAÇÃO.....	37
16 - PIONEIRISMO E CRIATIVIDADE.....	39
17 - ALEGRIA.....	41
18 - ANIMADOR VOCACIONADO, PREPARADO, LIBERADO.....	43
19 - TRABALHO DE EQUIPE.....	45
20 - ARTICULAÇÃO COM EQUIPE DE FORMAÇÃO.....	47
21 - DESPERTAR.....	49
22 - ACOMPANHAMENTO.....	51
23 - SELEÇÃO.....	53
24 - RECURSOS.....	55
25 - SECRETARIADO VOCACIONAL.....	57
26 - PROPAGANDA E MARKETING.....	59
27 - PLANEJAMENTO.....	61
28 - META.....	63
29 - RESULTADO.....	65
30 - AVALIAÇÃO.....	67
CONCLUSÃO.....	69
BIBLIOGRAFIA.....	73
NOTAS BIBLIOGRÁFICAS.....	77
APÊNDICE.....	81
A FÉ É FONTE DE ÊXITO.....	82
AI DE MIM, SE EU NÃO EVANGELIZAR.....	85
O IRMÃO É UMA CONSTRUÇÃO.....	92
ORAÇÕES VOCACIONAIS 1 E 2.....	94



INTRODUÇÃO

A palavra “vocação” vem do termo latino “vocare” que significa chamar. Vocação é, então, um chamado. Por isso, quando se diz que um jovem tem vocação sacerdotal, por exemplo, quer-se falar que ele é chamado por Deus a ser padre. Ela é sempre iniciativa gratuita de Deus (1). É motivada pela necessidade do povo (2). Em vista do envio, Ele chama quem, como, quando e para o que Ele quer. Assim se expressou Jesus aos seus discípulos: “Não foram vocês que me escolheram; fui eu que os escolhi e os designei a produzir fruto e que o fruto de vocês seja permanente” (3).

Em virtude de motivos diversos, muitos vocacionados não se percebem chamados por Deus. Sua vocação jaz em estado letárgico. Outros sentem-na, mas impelidos por um turbilhão de dúvidas, protelam o discernimento e o sim. Alguns, mesmo conscientes de sua vocação, rejeitam-na, por pressão de uma mentalidade secularista, hedonista, materialista, consumista, presente em nossa sociedade. Em contrapartida, um bom número, auxiliado pela Animação Vocacional, satisfaz, generosamente, a todos os requisitos do apelo de Deus.



Animar vocação é despertar, injetar ânimo, entusiasmo, interesse, percepção, fé, amor, no convocado por Deus. É conscientizá-lo quanto à grandeza e necessidade do serviço ao Reino. Animação é a pastoral que viabiliza expressar o batismo, pelo acolhimento e exercício da vocação. Ela ajuda o vocacionado em sua caminhada rumo a uma decisão criteriosa e realizadora. Ela objetiva, também, identificar quem é realmente chamado a um determinado estado de vida e de serviço. Sua missão é, outrossim, seletiva. Animação Vocacional é isso aí.

Vivemos em tempo de grandes transformações e crises (4). As mutações rápidas e globais produzem desafios que clamam por resposta. A Igreja está no mundo e, por isso, é afetada, mais ou menos, por tudo que atinge a humanidade. Ela está ciente dessa situação e reconhece a necessidade do conhecimento da realidade, a fim de atuar nela, com o anúncio e prática da Boa Nova de Jesus (5).

Como atividade eclesial, a Promoção Vocacional sofre os efeitos de tudo que atinge a Igreja. A CNBB (Conferência Nacional dos Bispos do Brasil) expressa, assim, sua preocupação: “A Pastoral Vocacional se torna prioritária nesse novo momento da história da evangelização, sobretudo, para o ministério ordenado e a vida consagrada e para a sempre crescente adequação da formação diaconal e presbiteral, inicial e permanente” (6).

Com o intuito de contribuir para a superação dos desafios atuais, a serem enfrentados pelos trabalhos vocacionais, sugerimos trinta princípios norteadores para essa atividade pastoral. Não temos, com isso, a pretensão de receitar, mas indicar novos e experimentados caminhos. Não para reivindicar confetes, mas

para partilhar experiências e estudos, asseguramos que a indicação desses princípios emerge de 27 anos de experiência de Animador e de uma boa e consistente bibliografia.

As trinta sugestões apresentam grau bem diversificado de relevância. Umas equivalem a alicerce, outras a paredes, algumas ao telhado. Todas, no entanto, são complementares e, por isso, necessárias. Achamos que o peso de um ou mais princípios será proporcional ao perfil do trabalho vocacional e à realidade em que ele é desenvolvido.



1



FÉ

Deus, por sua infinita bondade, propõe seu plano de amor (7). A aceitação dessa proposta é a fé (8). O estudo da proposta é a teologia. Com a vivência e a pregação do conteúdo teológico, é feita a pastoral, a evangelização (9). Todas essas atividades são exigências da fé, fonte de respostas às necessidades do povo. Como pastoral, a Animação Vocacional é um dever decorrente da aliança batismal. Todo cristão é, pela força da coerência, Animador Vocacional.

Visto Deus querer a salvação de todos (10), é imprescindível que todas as ovelhas tenham seus pastores (11). Se a Promoção Vocacional decorre da adesão a Deus, na pessoa de Jesus Cristo, em vista da redenção, a intencionalidade fundamental do Pastor das Vocações deve ser transcendental: Salvação eterna para todos. Longe de motivações vaidosas, desvinculada da vida futura. Só a fé é capaz de convencê-lo a dar a vida gratuitamente pelas ovelhas, cumprindo sua missão de Vocacionista; a ter certeza da superação das dificuldades (12) e de ver o rebanho do Pai com seus devidos pastores (13). O Animador, que não temer a exigência do amor, da verdade e do bem, contida em seu tra-

balho, não experimentará a solidão da omissão, mas se regozijará com a vitória da ressurreição.

Animador é gente de fé; entre suas maneiras de expressá-la, está seu serviço amoroso às vocações (14). A ele bem se aplicam as palavras de Habacuc e São Paulo: “O justo vive pela fé” (15). O Animador imola-se pela causa das vocações, porque sabe muito bem em quem acredita (16).



2



ORAÇÃO

O cristão antecede suas ações com a oração, porque o êxito humano decorre da graça de Deus, alcançada por ela (17). O próprio Jesus revela a grandeza e a eficácia da oração perseverante (18). Em se tratando de Animação Vocacional, há uma ordem explícita do Nazareno quanto à necessidade da súplica ao Pai, Dono da Messe (19). Ele não se contentou em falar, agiu como Mestre em Promoção Vocacional: “Naqueles dias, Jesus foi à montanha para orar e passou a noite inteira em oração a Deus. Depois que amanheceu, chamou os discípulos e dentre eles escolheu doze, aos quais deu o nome de apóstolos” (20).

O Animador não é “vacionador”. Ele é apenas o mediador eclesial do chamado divino. É Deus quem chama (21). Rezar pelas vocações é suplicar ao Pai que chame; ilumine todos os Pastores Vocacionais; torne eficazes suas atividades atinentes ao seu objetivo; dê generosidade a quem é chamado; ilumine os formadores na

orientação dos formandos; conceda aos eleitos a graça da fidelidade e perseverança (22). O fim último da oração vocacional é a salvação de todos, que implica pastores em número e qualidade suficientes, para todas as ovelhas do rebanho do Pai (23).

Em todo momento de oração, Maria, a mulher do sim, a filha de Sion, exemplo de vocacionada fiel, generosa, tem seu lugar de intercessora. Se ela foi eficiente nas bodas de Caná (24), com maior razão, atuará em favor da Messe do Senhor, que carece de operários (25).



3



SACRIFÍCIO

A penitência voluntária, em vista de uma causa justa, é oblação, sacrifício suplicante e eficaz diante de Deus. O penitente é “sacerdote” e oferta ao renunciar a si mesmo, em favor de um bem maior (26). Cabe também ao Animador expressar seu amor ao Reino de Deus, imolando-se em favor do aumento da qualidade e quantidade de evangelizadores. Ele é, pois, alguém chamado por Deus a atuar, sobretudo, no interior da Igreja, a fim de que todas as ovelhas tenham seu pastor. Dirigindo-se aos alunos do Seminário Bom Jesus de Aparecida, João Paulo II diz: “...assim como não pode haver pastores sem povo, assim também não pode haver povo sem pastores” (27). Pelo bem que ela é em si e por tudo que seu exercício produz em favor do povo, a vocação merece muito sacrifício. Sacrificar-se, então, por essa causa justa e urgente é demonstrar amor ao Reino e à Trindade; é agregar qualidade ao Pastoreio Vocacional; é atrair bênção do céu sobre um

trabalho tão essencial à Igreja de Jesus Cristo; é aumentar a possibilidade de maior êxito à missão dos Animadores e Formadores. Deus recompensa com longanimidade os generosos. “Nem sequer um copo d’água ficará sem recompensa”, diz Jesus (28).

Deus é tão bom e fiel que investir em seu Reino não é aventura, mas investimento de alto retorno garantido (28a). É tão vantajoso que compensa sacrificar até mesmo a própria vida (29). Uma pessoa ou comunidade, correspondendo às exigências do mandamento do amor, que é plenitude da lei (30), e participando da eucaristia do Senhor, estará oferecendo a Deus os melhores sacrifícios, em favor das vocações (31).



4



TESTEMUNHO

Testemunhar é tornar presente uma verdade recebida e/ou experimentada; é revelar convicções, sobretudo, com a prática cotidiana. O anúncio da Pessoa e Boa Nova de Jesus, com palavra e exemplo, é intrinsecamente Animação Vocacional. Assim, se demonstra quem é, realmente, o Filho de Deus, seu discípulo e seu Reino.

Em geral, o testemunho do Animador e o de suas comunidades suscitam, em quem os conhece, o acolhimento à proposta de Deus, expresso no seguimento ao Carpinteiro. É oportuno lembrar que em nenhuma festa de aniversário, corta-se receita, mas sim, bolo. Por que isso? Porque a receita é apenas projeto, proposta, anseio, palavras. Ao passo que o bolo é a concretização da proposta, feita vida, alimento festivo. É bem assim que pensa Jesus: “Não é aquele que diz Senhor, Senhor, que entrará no Reino dos Céus, mas sim aquele que pratica a vontade de meu Pai que está nos Céus” (32). Ele chama bem-

aventurado quem pratica a Palavra de Deus (33). A vida em comunhão com Ele requer a prática de seus mandamentos (34). Com competência e eloquência, o Promotor fascina; com testemunho, ele convence. Animar vocação com doutrina forte e testemunho é construir sobre rocha, é o melhor marketing (35).



5



SACRAMENTOS

Os sacramentos são sinais instituídos por Cristo, em vista da salvação do povo (36). Todos eles implicam vocação. Sacramento e vocação objetivam santificação, a que é conclamada toda a humanidade (37). Explorando a dimensão vocacional dos sacramentos, poder-se-á suscitar ou incrementar o interesse pela vocação e o apreço pelos sacramentos. Vocacionalizados, os sacramentos oferecem excelente itinerário para o despertar, acompanhamento e seleção. Falar da grandeza dos sacramentos é presumir a necessidade e maravilha de seus ministros, supostos em todos eles. Se o Animador for catequista vocacional, constatará que os sacramentos são celeiros de vocação (38).

Mesmo reconhecendo o valor de todos os sacramentos, sugerimos ao Agente Vocacional ressaltar o batismo, a eucarística e a confirmação. Batismo, por ser o sacramento da aliança, ingresso na vida cristã e seu fun-

damento; A missa, porque “nenhuma comunidade cristã se edifica sem ter a sua raiz e o seu centro na celebração da santíssima eucaristia...” (39). Confirmação, porque por meio desse sacramento, “...recebe-se, mediante o Espírito Santo, um dom particular de consagração a Cristo e à Igreja” (39^a). Quanto aos outros, será de grande proveito enfatizá-los segundo as conveniências pastorais.



6



ECLESIALIDADE

A dimensão eclesial é, como a vocação, uma espécie de sangue que vivifica toda a Pastoral Orgânica. Ela deve, por isso, estar sempre presente em todas as pastorais, porque sem Igreja, elas não se justificam. A Animação Vocacional se enquadra, se quiser ter qualidade, nesse imperativo da unidade, comunhão (40).

Promover vocação é, pois, atuar, em especial, no interior da imagem da Trindade, a Igreja (41). Aí, “...ninguém pode isolar-se e trabalhar só para sua instituição” (42). “É necessário que a Obra das Vocações transcenda os limites da diocese, da nação ou das famílias religiosas ou ritos, e olhe com grandeza de alma para as necessidades da Igreja universal” (43). Nesta, “...todos agem coordenadamente para o objetivo comum da evangelização” (44). Com isso, não se pretende coibir as Congregações em seu direito próprio de organização, peculiaridade, carisma, mas que sejam monitoradas pelo bom senso e o desejo ardente de unidade.

Acrescente-se, ainda, o fato do universo eclesial ser o lugar próprio do nascimento, discernimento, desenvolvimento e exercício da vocação (45). Um outro traço da Promoção Vocacional eclesial é a universalidade: interesse por todas as vocações, de todas as Igrejas Particulares, Congregações Religiosas e Institutos (46).

7



CORRESPONSABILIDADE

Em razão da pertença à Igreja, pelo batismo, todo católico tem um quinhão de responsabilidade diante de tudo que envolve o Povo de Deus. Ser membro desse Corpo cria direitos e deveres. Como a salvação trazida por Cristo é mediada pela instituição eclesial, quem pertence a esta família recebe também a incumbência de mediador. Logo, o cristão é missionado a ser Igreja em toda e qualquer circunstância. Pertencendo ao Povo de Deus, o cristão precisa acolher a própria vocação, o encargo de mediador do chamado divino e contribuir para o desenvolvimento e exercício desse chamado. Ser Igreja é ser Pastor Vocacional (47).

O Concílio Vaticano II, assim, se expressa: “O dever de fomentar as vocações pertence a toda comunidade dos fiéis que as deve promover, sobretudo, mediante uma vida plenamente cristã” (48). Confirmando essa posição

conciliar, o Documento de Aparecida diz que a “Pastoral Vocacional, que é responsabilidade de todo o Povo de Deus, começa na família e continua na comunidade cristã...” (49). Entre os batizados, a responsabilidade recai, sobremaneira, nos bispos, presbíteros, diáconos e outros educadores da fé. À família cabe a tarefa de ser o primeiro seminário (50).



8



UNIDADE

À semelhança do membro de um corpo, que só se justifica em função do todo orgânico, a Animação Vocacional só tem fundamento eclesial, quando emerge da Pastoral Orgânica da Igreja. Não basta estar articulada com ela. Sabe-se, pela tradição, que a unidade eclesial é construída pela busca de vida em comunhão e Pastoral de Conjunto, exercida com a presença do Espírito Santo. Nem mesmo as diversidades justificam paralelismo.

Em se tratando da exigência de eclesialidade, todo trabalho vocacional, não importa se é diocesano ou religioso, deve primar pela unidade, dimensão fundamental do Reino de Deus. Havendo, pois, convergência dos trabalhos para o anseio da Igreja, pode-se afirmar que eles são de fato ações de um único organismo. “Plenamente integrada na pastoral ordinária, a Pastoral Vocacional é fruto de uma sólida pastoral de conjunto, nas famílias, paróquias, escolas católicas e demais instituições eclesiais”

(51). Assim acontecendo, a Animação Vocacional será para a Pastoral Orgânica o que o sangue é para o organismo (52).

9



DOCTRINA CONSISTENTE

Não é com “oba-oba”, modismo, que se faz Animação, mas sim, com conteúdo bíblico-teológico, tradição, magistério da Igreja e testemunho (53). O Pastor Vocacional fiel chama, desperta, acompanha, seleciona, a partir dos ensinamentos eclesiais. Ele se comporta apenas como mediador do chamado. Sabe que o autor da vocação é Deus (54). Assim, não lhe compete atenuar exigências ou acrescentá-las ao chamamento (55).

“Cada vocação, portanto, está ligada ao desígnio do Pai, à missão do Filho, à obra do Espírito Santo. Cada vocação é iluminada e fortalecida à luz do mistério da Igreja e do mistério de Deus” (56). Se a Igreja merece crítica concernente à Pastoral Vocacional, não é por falta de orientações bíblicas, doutrinárias e pastorais; mas sobretudo, por não implementar, como deve, as propostas emanadas de Concílios, Sínodos, Conferências Gerais,

Congressos, Encontros, Encíclicas, Pronunciamentos etc (57). Com fidelidade doutrinal e mais ação, a Messe contará com mais e melhores operários (58).



10



CIÊNCIAS AFINS

A pastoral é uma ação com pessoas, com complexidade humana. Seu resultado depende, em muito, do conhecimento que se tem delas. As ciências, sobretudo as humanas, podem colaborar bastante com os trabalhos vocacionais. Um Animador bem assessorado por profissionais competentes nas áreas de psicologia, pedagogia, sociologia, medicina, comunicação, propaganda e marketing, terá mais chance de melhores resultados.

Referindo-se à finalidade da Pastoral Vocacional, a CNBB espera que ela preste aos agentes das pastorais “...os serviços e auxílios necessários para o eficiente desenvolvimento de sua responsabilidade, tanto no doutrinal quanto no técnico (teológico, pedagógico, psicológico, sociológico etc)” (59). É bom ressaltar que se trata de assessoria e não delegação da responsabilidade da Equipe

de Animação aos assessores. Espera-se que a sabedoria dos Animadores impeça a supervalorização das ciências, em detrimento das verdades da fé (60).



11



PROMOÇÃO

A finalidade da evangelização é promover o evangelizando; é levá-lo a um grau maior de dignidade, perfeição, santidade. Animação Vocacional, por ser uma evangelização, tem esse mesmo fim; ela objetiva beneficiar as pessoas, conscientizando-as a respeito de sua vocação e necessidade de exercê-la com fidelidade, em favor próprio e da humanidade. O Animador é, pois, promotor do bem individual e coletivo. Ele é um educador, orientador, companheiro em busca da opção acertada de seu orientando. Não introjeta nele anseios escusos que agridem a liberdade de opção. Não alicia com facilidades enganosas. Não relaxa os legítimos critérios de seleção.

O Animador, que evangeliza, alicerça seus trabalhos na eclesialidade, interessando-se por todas as vocações existentes na Igreja. Não pensa pequeno. Quer o bem de todos. Não faz recrutamento. É Evangelizador, Pastor, Animador, Promotor do bem comum (61).



12

INCULTURAÇÃO

A Animação supõe comunicação que, por sua vez, implica afinidade, encarnação cultural. “A Igreja, Povo de Deus, quando anuncia o Evangelho e os povos acolhem a fé, neles se encarna e assume suas culturas” (62). Aí está a razão da necessidade de inserção na cultura, jeito próprio de um povo responder às suas necessidades. Cada cultura impõe sua linguagem, costumes e maneira de se fazer o trabalho vocacional. A inculturação poderá ser uma mútua e relevante contribuição cultural. Pode-se aprender e ensinar muito com ela. É o que deve ocorrer com a Pastoral Vocacional que, por ser evangelização, é missionada a contribuir no aprimoramento da cultura em que está inserida. É necessário, portanto, que o Animador conheça bem a comunidade em que pretende atuar. Para tanto, urge traçar um perfil da realidade, programar as atividades em conformidade com ela, aplicando metodologia adequada (63).



13

PEDAGOGIA DO SERVO

Pedagogia é a ciência que norteia a ação educativa. Ela decorre do objetivo almejado pela educação. A Igreja tem em vista, com a Animação, que é atividade educacional, contar com os operários necessários ao cumprimento de sua vocação: ser o Reino de Deus pelo serviço, seguindo Jesus Cristo, o maior Servo e sua cabeça. Anima, então, as vocações quem educa para a glória de Deus e serviço aos irmãos. Animador é alguém tão apaixonado pelo Divino e o humano que, comprometido com Jesus de Nazaré, o Servo por excelência, dedica a vida ao Reino, promovendo seus construtores.

Se o Promotor Vocacional servir a todos, terá credibilidade junto a seu público que, estimulado pelo exemplo, ficará mais predisposto a acolher sua mensagem. O Animador é chamado pelo batismo e missão a ser um pedagogo do serviço e um servo dos servos (64).

Com ousadia emanada de seu amor, o Vocacionista entrega-se à sua missão, a fim de que todas as ovelhas tenham pastores.



14



DIDÁTICA ADEQUADA

Didática é a parte da pedagogia destinada à implementação dos princípios pedagógicos. Ela é uma ferramenta da ciência educativa. É um procedimento adotado no processo de instrução. A didática pretende ser o caminho da aprendizagem, a arte de ensinar. Consiste em estratégias, técnicas metodológicas. A melhor didática é a que consegue o mais com menos, alcançando, com sucesso, seu alvo.

A eficiência didática requer atenção à faixa etária, cultura, grau de instrução, ponto de apoio e o interesse do corpo discente. O educador precisa, por isso, conhecer o perfil de seus educandos. Em se tratando de Serviço Vocacional, sugere-se ao Animador estudar, com afinco, as características do público a ser trabalhado. Assim, poderá escolher a didática mais indicada a ele, pro-

videnciar o material apropriado e se preparar adequadamente. É bom lembrar que, entre as exigências didáticas da sociedade conectada, devem estar a interatividade e a imagem. (65).



15



COMUNICAÇÃO

O Animador é um educador. Sua ação educativa acontece à medida de sua capacidade de se comunicar. Entre os requisitos para uma boa comunicação, ressaltamos: a) domínio no conteúdo e gramática, lógica na exposição, didática interativa; b) vocabulário simples e rico, fluência, frases curtas; c) semblante alegre, bom humor, otimismo, entonação suave, gesticulação coerente e ponderada, objetividade, volume de voz ajustado ao ambiente; d) Somem-se, aos dotes pessoais, os recursos tecnológicos (66): Internet, computador, tablet, telefone fixo e celular, rádio, tv, dvd, cd, gravador, microfone com e sem fio, alto-falante, amplificador, data show, livro, revista, jornal, material impresso específico e correio. (67).

É por demais oportuno ilustrar o pensamento da Igreja sobre os meios de comunicação, recorrendo às palavras de Evangelii Nuntiandi (1975): “A Igreja sentir-se-ia com culpa diante de seu Senhor, se não utilizasse estes

meios potentes, que a inteligência humana torna cada dia mais aperfeiçoados; servindo-se deles, a Igreja prega em cima dos telhados a mensagem de que é depositária; nelas ela encontra uma versão moderna e eficaz do púlpito. Graças a eles, consegue falar às multidões” (68).

Em alusão direta ao trabalho das vocações, o 2º Congresso Internacional de Vocações (1981) ratifica as palavras de Paulo VI: “Nos programas de Pastoral Vocacional, assumem, hoje, particular importância os instrumentos de comunicação social. Estes, usados sábia e profissionalmente, podem contribuir para difundir o conhecimento das vocações consagradas e para criar à volta delas um clima favorável de atenção e de estima” (69).



16



PIONEIRISMO E CRIATIVIDADE

Como fruticultor – que prioriza a colheita em sua devida época, mas em tempo oportuno, enfrenta os desafios com seu pioneirismo – age um bom Animador. Em seu plano, prefere comunidades que oferecem maior possibilidade de retorno imediato sem, no entanto, se omitir em abrir novas frentes de trabalho. Não se acomoda às facilidades já conquistadas. Conserva o pioneirismo do Missionário das Vocações.

Em razão do ritmo acelerado das mudanças globais, o bom resultado dos trabalhos impõe ao Animador a obrigatoriedade da criatividade, inovação, viáveis tão somente a quem é corajoso, ousado, desbravador, pioneiro, empreendedor, arrojado (70). A vida mostra que a intuição é possível, mas muito rara. O Animador precisa, então, encarar a criatividade com muito empenho, como obrigação de abertura de caminho, para chegar ao resultado

vocacional de que a Igreja necessita (71).

Visto que o novo sai do velho, é indispensável conhecer o que já existe, em se tratando de criação. Em nosso tempo, é inadmissível querer inventar a roda. Movido pelo desconhecimento e/ou presunção, há, entretanto, quem tenta inventá-la. Segundo a CNBB, o conservadorismo e a falta de criatividade emperram a Igreja no cumprimento de sua missão (72). Enfim, pode-se dizer que a criatividade é um imperativo da fidelidade eclesial.

Com ajuda de Deus, bom preparo e coração apaixonado pelo Reino, o Animador saberá superar os desafios da atualidade. A promessa do Filho de Deus dá-nos certeza de vitória: “Não tenhais medo, pequeno rebanho, pois foi do agrado do vosso Pai dar-vos o Reino” (73). “Eis que estou convosco todos os dias, até a consumação dos séculos” (73^a). Confiemos no Mestre em pastoral: Jesus de Nazaré (74).



17



ALEGRIA

De origem teutônica, a palavra “alegria” significa felicidade, contentamento, júbilo, prazer. Tais significações fundamentam a obrigatoriedade da alegria ser uma das características do Apostolado Vocacional. Com semblante, palavras, gestos, dinâmicas, ambiente e músicas alegres, o trabalho produzirá encanto e felicidade em todos os participantes. A Promoção tornar-se-á uma tarefa prazerosa e certamente produzirá os resultados esperados: mais operários para a Messe do Senhor.

Não há dúvida, realmente, quanto à eficácia da alegria. Ela expressa uma experiência de harmonia emocional, denominada felicidade. O Animador alegre contamina seu público e o estimula à acolhida de sua mensagem. Bem dizem os escoceses, com seu provérbio popular: “O sorriso custa menos que a eletricidade e ilumina mais” (75). Diga-se, ainda, que a alegria do cristão é uma das maneiras de expressar a esperança na realização das pro-

messas. Eis aí, em última instância, a finalidade de toda pastoral. A certeza da fidelidade de Deus move o Animador a manifestar, com sua alegria, a glória que há de vir. Trata-se de uma alegria consistente, bem fundamentada. Ótimo testemunho vocacional.

Como os discípulos não entenderam a fala de Jesus sobre sua segunda vinda, Ele lhes disse: “Pedi e recebereis, para que a vossa alegria seja completa” (76). Essa alegria só acontecerá, porém, se seus discípulos obedecerem a seus mandamentos (77). Peçamos, pois, ao Pai, em nome de Jesus, para que os Animadores obedeçam aos mandamentos e sejam plenamente alegres, para motivar os outros a buscar a mesma alegria, efeito da vida plena, trazida pelo Filho de Deus (78).

Urge também lembrar os Pastores Vocacionais que o objeto da esperança – felicidade eterna – é a razão última de sua missão e da alegria cristã, mas para tanto, Jesus exige fidelidade batismal e vocacional (79).



18



ANIMADOR VOCACIONADO, PREPARADO, LIBERADO

A Pastoral Vocacional requer agente vocacionado, preparado, liberado. Pessoa identificada com a missão recebida, portadora do perfil exigido pelo encargo. Como em outras áreas, também o Serviço Vocacional exige muita competência, não há dúvida. Não é possível exercer a mediação vocacional, sem a devida formação. Ainda que necessária, uma mera nomeação não capacita. Ela é insuficiente ao bom desempenho do Animador.

Preocupada com as vocações, a 4ª Conferência do Episcopado Latinoamericano externa seu anseio: “É urgente preparar agentes e encontrar recursos para este campo de pastoral e apoiar o compromisso dos leigos na promoção de vocações consagradas” (79a). O documento de Puebla

é mais incisivo: “Deve-se capacitar pessoal para destiná-lo, em tempo integral, à Pastoral Vocacional e notificar-lhe que sua missão precípua é de animar toda a pastoral nesse sentido” (80).

Enfim, conclui-se que liberação e formação são indispensáveis ao melhoramento do quadro vocacional geral da Igreja. Ser liberado significa não ter outras tarefas, além do apostolado vocacional (81).



19



TRABALHO DE EQUIPE

A liberação do Animador não pode ensejar o monopólio das responsabilidades e iniciativas. Ela objetiva, pelo contrário, também a implementação da corresponsabilidade do Povo de Deus, concernente às vocações. Ademais, são inúmeras as vantagens em se trabalhar em equipe. Eis algumas: a) Testemunho de vida em comunhão e participação; b) exercício da corresponsabilidade; d) garantia da preservação das experiências acumuladas; e) consecução dos objetivos com mais eficiência etc (82).

O 2º Congresso Vocacional do Brasil incluiu em seu documento final, entre outras resoluções, a necessidade da constituição de equipes vocacionais de diferentes níveis. Ele as encara como uma tarefa a ser assumida na prática e com coragem. Diz o Congresso: “...formação de equipes vocacionais diocesanas, paroquiais e de comunidades, com a presença de cristãos leigos e leigas,

de pessoas de vida consagrada e de ministros ordenados, realizando uma Animação Vocacional contínua e permanente” (83).



20



ARTICULAÇÃO COM EQUIPE DE FORMAÇÃO

A Pastoral Vocacional é sempre formação. Logo, despertar, acompanhamento, e seleção são atividades formativas. Ainda que a Animação destine-se, preferencialmente, à população externa, isto é, às pessoas não internas nas casas de formação, Animadores e Formadores ganham bastante em trabalhar articuladamente. Com efeito, são membros de um mesmo corpo, a Igreja (84). Seus interesses, por conseguinte, devem convergir a um mesmo ponto: proporcionar ao Povo de Deus os operários reclamados pelo cumprimento de sua missão.

Convicto da necessidade de unidade, o apóstolo Paulo afirma: “O corpo não se compõe de um só membro, mas de muitos. Se o pé disser: Mão eu não sou, logo não pertenço ao corpo, nem por isso deixará de fazer parte do corpo” (85).

Cabe, então, ao Animador e Formador a tarefa de testemunhar a unidade eclesial, trabalhando conjuntamente. Eles têm, pois, muito a dar e receber. Adicione-se aos benefícios dessa recíproca colaboração a atenuação da possibilidade de conflitos entre as duas equipes. Sem rivalidade, com respeito mútuo aos espaços de cada equipe e interação, Formadores e Animadores poderão chegar ao resultado tão almejado pelas comunidades sem pastores (86).



21



DESPERTAR

A Animação, com que sonhamos, acorda indivíduos e comunidades para a problemática vocacional. Motiva-os a se interessarem por uma reflexão sobre esse assunto tão importante à vida humana. Com um trabalho bem feito, o Animador supera os desafios da indiferença, inércia, consumismo, hedonismo, presentes e, às vezes, reinantes em muitos ambientes. Ele desperta, sobretudo a juventude, para as maravilhas divinas, valores éticos e moral cristã. Faz com que as pessoas se percebam chamadas por Deus a assumir seu devido estado de vida e de serviço na sociedade.

Com a graça divina, testemunho, conhecimento do público em que atua, metodologia atualizada e perfil adequado, o Pastor das Vocações conseguirá convencer muita gente, quanto à necessidade, vantagens e urgência de mais e melhores operários para a Vinha do Senhor. Todos ganharão com isso (87).

Mais do que em tempos favoráveis, o mundo atual exige do Promotor Vocacional mais coragem, audácia, garra, denodo, bravura, arrojo, para exercer seu papel de mediador da proposta do Pai. O Animador de Nazaré costumava colocar-se no meio dos pecadores, coletores de impostos, concidadãos e estrangeiros e aí chamava os que Ele queria (88).

Inflamado pelo amor a Jesus e sua Boa Nova, Paulo ousou ir ao Areópago, para apresentar a proposta cristológica de salvação (89). Até há pouco tempo, tivemos a alegria de conhecer um grande Animador Vocacional, João Paulo II. Em seus encontros com a juventude, sempre dava seu recado de Animador (90).



22



ACOMPANHAMENTO

Acompanhamento é semelhante aos cuidados dispensados por uma mãe ao seu filho recém-nascido. Ele viverá, se receber os devidos cuidados. O mesmo ocorre com um jovem despertado pela Animação Vocacional. Acompanhá-lo significa ensiná-lo a caminhar vocacionalmente, andando com ele rumo a um discernimento criterioso e opção realizadora; mostrar-lhe o ser da vocação, suas exigências e como satisfazê-las. Ajudá-lo a superar eventuais dificuldades, encontradas na caminhada.

Sobremaneira na época em que vivemos, os vocacionados despertados, interessados, podem sucumbir diante dos contra-valores com que se deparam. Eles necessitam de alguém que os auxilie a superar os obstáculos da jornada; que lhes proporcione espaço, clima e testemunho cristãos, terreno fértil, onde possa se desenvolver sua vocação (91). Jesus chamou seus discípulos, acompanhou-os muito bem (92) e os enviou como apóstolos (93).

Em todas as atividades posteriores ao despertar, os vocacionados exigem a presença do Animador. Esse não pode, a não ser em casos graves, delegar sua missão a outros. Quando ausente de encontros e estágios, os pretendentes sentem-se abandonados. O acompanhamento determina a qualidade do resultado dos trabalhos vocacionais. Em virtude de sua importância, ele exige em torno de 2/3 de todo investimento na Animação, em termos de tempo, dedicação, dinheiro, materiais etc. Talvez seja, por isso, que ele é, às vezes, descartado ou insuficientemente praticado (94).

É lamentável a constatação de José Lisboa: “O grande pecado da animação vocacional é querer começar com a última etapa. Os bispos convidam logo para o seminário, os frades e as freiras iniciam distribuindo o “santinho” do fundador, os cristãos leigos e as cristãs leigas fazem “turismo” pelas pastorais. Falta a sequência pedagógica” (95). Nunca é demais insistir: o que é bom decorre do acompanhamento. Sem ele, não há Promoção Vocacional e sim recrutamento (96).

23



SELEÇÃO

O Trabalho Vocacional externo culmina com a seleção para ingresso. Essa exige uma série de condições, para assegurar a qualidade dos selecionados. Em vista de tal objetivo, é preciso contar com os seguintes fatores: a) Muita oração; b) trabalho em equipe multidisciplinar (inclui um médico); c) critérios consistentes, estabelecidos pela diocese e congregação (97). Entre tantos, mencionamos alguns: anseio de santidade, vocação, reta intenção - consagração e serviço ao Reino de Deus - , identificação com a suposta vocação e carisma, estabilidade de interesse, saúde, idade, maturidade proporcional à idade, afetividade saudável, grau de estudo exigido, capacidade para fazer os estudos requeridos, condições para exercer, posteriormente, o ministério pretendido, solteiro ou viúvo, acompanhamento mínimo de um ano; d) questionários e testes específicos; e) relatório sobre o candidato, contendo as informações obtidas no acompanhamento; f)



carta de apresentação enviada pelo pároco; se possível, uma conversa com ele, sobre o candidato; g) quatro entrevistas, no mínimo, em tempos espaçados; h) caso viável, mais de uma visita à família do pretendente.

Em uma boa Promoção, só ingressa quem satisfaz às exigências do chamado. Com a mesma convicção, com que se reconhece a vocação como iniciativa divina, admite-se que o chamado de Deus passa, quase sempre, pela mediação humana (98).



24



RECURSOS

Sem meios, não há consecução de objetivos. A Animação Vocacional preconizada pela Igreja requer disponibilidade de muitos recursos econômicos para: formação do Animador, instalação do secretariado, criação do site, material impresso, aquisição de veículo, correio, telefone, veiculação de propaganda em tv, site, rádio, jornal, revista, manutenção do Agente e de toda a estrutura. Demais, uma Pastoral Vocacional qualificada conta com profissionais de áreas afins e seu serviço tem um custo. Como os bons resultados exigem Animador com tempo exclusivo, é imperativo que ele assuma somente compromissos intrinsecamente ligados à sua missão específica. Dioceses e congregações perdem muito, quando oneram o Promotor, com a tarefa de captar os recursos para seu trabalho (99).

“O pouco investimento financeiro na Animação Vocacional” é mencionado, pelo 2º Congresso Vocacional do Brasil (2005), como uma “atitude” não adequada “à nova

fisionomia da Animação Vocacional” (100). Referindo-se a uma série de medidas a ser implementada em favor de uma melhor Promoção, o 1º Congresso Vocacional do Brasil, já em 1999, propunha: “Viabilizar financeiramente as ações..., prevendo os recursos necessários” (101).

Reconhecemos, com alegria, gestos concretos e coerentes de muitas dioceses e congregações religiosas, referentes à prioridade conferida à Pastoral Vocacional. Achamos por bem, entretanto, denunciar a discrepância entre discurso e prática de muitas outras que, alegando não disporem de recursos financeiros para promover as vocações, demonstram tê-los, empreendendo construções e reformas desvinculadas da Animação Vocacional propriamente dita.



25



SECRETARIADO VOCACIONAL

Secretariado vocacional é um espaço e departamento pastorais, destinados ao apostolado de todas as vocações existentes na Igreja. É administrado por uma equipe coordenada pelo Animador. Ele é uma oficina de trabalho e casa de acolhimento dos interessados nos serviços prestados. Dispõe de escritório equipado, biblioteca, material vocacional impresso, equipamentos didáticos, dormitório, refeitório, cozinha e sala de lazer. Trata-se de um setor de importância relevante para uma diocese ou congregação religiosa. Ele intensifica, com suas atividades e materialidade, a conscientização das pessoas, que vivem em seu entorno, referente à urgência da Animação na Igreja; racionaliza os trabalhos, enxuga gastos; organiza, fortalece e/ou consolida o Serviço de Animação Vocacional (102).

O secretariado alavanca o processo de vitalização vocacional na Igreja. Ele motiva, planeja, prepara os agen-

tes, equipa-os com os meios suficientes. Não é só. Ele, pela organização, registro de seus feitos, concretude e dinamismo, cria as condições para a continuidade das ações iniciadas. Além disso, passa uma idéia materializada de vocação aos interessados. O jovem percebe que vocação é coisa concreta: acolhimento, espaço, convivência, oração, lazer, alimentação, estudo, trabalho, interatividade, comunhão (103).



26



PROPAGANDA E MARKETING

Com o Serviço Vocacional, a Igreja pretende conscientizar as pessoas, quanto ao seu estado de vida e de serviço na Igreja e sociedade. Em uma população bem menor, distribuída em pequenas cidades e povoados, a propaganda nos meios de comunicação social se fazia menos necessária que na atualidade. Com o processo intenso de urbanização, cresce a massificação nos grandes centros urbanos, o índice de impessoalidade e conseqüente desconfiança e diminuição da comunicação interpessoal. Os desconhecidos manifestam maior reserva e interagem menos.

Some-se à urbanização a resistência ao que é próprio da fé, manifesta pelo secularismo, hedonismo, materialismo, cultura imediatista, consumista e relativismo anulador dos valores transcendentais. Eis aí algumas razões por que a Animação precisa recorrer mais e mais à publicidade nos meios de comunicação e ajustar sua atu-

ação ao mercado, com ajuda de um bom marketing (104).

Já no início do cristianismo, Jesus sentiu a necessidade de propagar sua pessoa e Boa Nova. “O que vos digo na escuridão, dissei-o às claras. O que vos é dito ao ouvido, publicai-o de cima dos telhados.” (105). Ele vai além. Em resposta aos fariseus descontentes com a multidão, que aclamava o Filho de Deus, afirmou-lhes: “Eu digo a vocês, se eles se calarem, as pedras gritarão” (106). Após sua ressurreição, enviou seus apóstolos a todas as nações, dizendo-lhes: “Toda autoridade sobre o céu e sobre a terra me foi entregue. Vão, pois, e façam que todas as nações se tornem discípulos, batizando-as em nome do Pai, do Filho e do Espírito Santo e ensinando-as a observar tudo quanto eu ordenei a vocês” (107).

São Paulo atingiu um nível tão alto de reconhecimento da necessidade de propagar Jesus Cristo e sua mensagem, que chegou a dizer: “Ai de mim, se eu não evangelizar” (108). A propaganda objetiva fazer conhecida e acolhida uma proposta. Como diz o provérbio: “eu não posso amar quem eu não conheço”. Nesse sentido, o 1º Congresso Internacional das Vocações diz que “...é preciso tornar mais conhecidas dos jovens a vida sacerdotal e as diversas formas de vida consagrada” (109).

27



PLANEJAMENTO

Planejamento é um programa de ações em vista de um objetivo estabelecido. Planejar é projetar um ideal e prever as condições requeridas. O planejamento é uma antevisão de tudo que envolve o objeto almejado. Como todo trabalho, a Animação Vocacional precisa de racionalidade, programação (110). Citando especialistas, José Lisboa afirma que a necessidade de planejamento é proporcional à crise em que se vive. Sem plano, realmente, corre-se o risco de frustração em termos de resultado (111).

Com duas parábolas, Jesus ensina a sabedoria do planejamento. Tanto o construtor, que pretende construir uma torre, quanto o rei, que sai a guerrear, deve planejar suas ações e verificar se há os devidos meios (112). O trabalho vocacional também envolve muitos fatores a serem considerados em seu plano. Eis os principais: objetivo, meta, atividades estratégicas (marketing), ritmo de execução, público destinatário, local de atuação, prioridade,



agentes, recursos estruturais e econômicos, pedagogia, didática, propaganda, cronograma, duração, custo, justificativas, avaliação e ajustamento (113).

28



META

Meta é aqui entendida como um objetivo parcial a ser atingido a curto prazo, como um passo em direção ao fim principal. É uma parte da finalidade. É uma obrigação estimulante. Ela dá uma sensação de maior viabilidade do objetivo último. Cada meta, quando conquistada, aproxima o Animador de seu alvo. Ela é sempre quantificada segundo a necessidade. Não basta, portanto, fixar objetivo geral no plano de trabalho. Urge dividi-lo em partes bem concretas e viáveis. É pela realização desses passos que se chega ao objetivo final.

Exemplificando: um carregador tinha que transportar dez toneladas de ouro em dez dias. Levando em conta sua força, distância e caminho, estipulou uma meta diária de mil quilos. Com dez metas alcançadas, chegou ao objetivo maior. Empresas, como bancos, indústrias, exploram muito bem a estratégia da meta e acham compensatória. Se a Igreja souber aprender com os espertos do mundo,

poderá contar com mais recursos humanos e materiais para o cumprimento de sua missão (114). Aí se aplicam muito bem as palavras de Jesus: “...os filhos deste século são mais prudentes com sua geração do que os filhos da luz” (115). Se ainda não utiliza o sistema de metas, como motivação e via para atingir seus objetivos, propomos ao Animador que faça a experiência. Valerá a pena.



29



RESULTADO

O efeito dos trabalhos vocacionais depende de uma série de fatores. Entre eles, destacamos o testemunho dos cristãos e o modelo de Animação. Dirigindo-se aos congressistas vocacionais, João Paulo II disse: “A vida gera a vida. Tal como um terreno manifesta a riqueza dos seus elementos vitais, através da frescura e do viço de uma colheita, que nele se desenvolve, assim uma comunidade eclesial dá prova do seu vigor e da sua maturidade, pelo florescimento das vocações, quando este nela se afirma e consolida” (116).

Nessa mesma linha, afirma Jesus: “O que foi semeado em terra boa é aquele que ouve a Palavra e a entende. Esse dá fruto, produzindo à razão de cem, de sessenta e de trinta” (117). Supondo o querer do Dono da Messe, o resultado do Serviço Vocacional é, realmente, um dos melhores aferidores da qualidade de Igreja e do Apostolado Vocacional. Ele é ótimo, quando corresponde em quali-

dade e quantidade ao objetivo estabelecido pelo plano, elaborado segundo as necessidades e normas da Igreja.

Sabe-se que sem operários não há Igreja. Eis a razão da Pastoral Vocacional: sustentar a vida eclesial com cristãos que buscam a santidade pelo exercício de sua vocação. O amor pelo Reino faz com que a necessidade do Povo de Deus determine o objetivo a ser alcançado pela Animação Vocacional. É inadmissível uma diocese ou congregação não tomar medidas corajosas e urgentes, para reverter sua situação de penúria vocacional, causada por uma gama de razões, entre as quais, está o modelo ineficaz de Animação, reprovado pelo insatisfatório resultado (118).



30



AValiação

Avaliação é o ato de atribuir valor. Em se tratando de trabalhos vocacionais, significa analisá-los, dando-lhes a devida nota. Supondo a vontade de Deus, o roteiro ordinário da avaliação é o plano de atividades e seu resultado a ser confrontado com o objetivo estabelecido. Em termos de nota de 1 a 10, essa será dada de acordo com a porcentagem do objetivo alcançado. Outros fatores a serem verificados são: perfil do Animador, modelo de Animação, recursos e infraestrutura. É aconselhável avaliar, além do objetivo global, cada meta, porque este procedimento permite correção imediata, contribuindo, assim, para um resultado final melhor.

A razão da avaliação é a consecução plena do objetivo. Só quem tem fome de perfeição reconhece a riqueza da avaliação (119). Jamais a encaremos como ameaça de despreço aos agentes e trabalhos realizados. Ela é, pelo contrário, um elemento indispensável ao aprimoramento

da pastoral em questão e conseqüente melhora em seu resultado. Realismo, objetividade e otimismo motivam e predispõem os avaliadores a implementar as medidas sugeridas.



CONCLUSÃO



Em razão de sua maior relevância, ressaltamos os seguintes princípios: fé, oração, testemunho, eclesialidade, ousadia e criatividade no enfrentamento dos desafios atuais, despertar, acompanhamento, seleção, Animador com perfil adequado, liberado, bem preparado, planejamento, secretariado e disponibilidade dos recursos previstos.

A Promoção Vocacional ideal é uma construção de toda a Igreja, em especial, dos senhores bispos, superiores de congregação, presbíteros e instituições com carisma vocacional. Espera-se daí a Animação reclamada, hoje, pela Igreja de Jesus Cristo. É lamentável constatar, entretanto, a desproporção entre a população a ser evangelizada, catequizada e o ínfimo número de pastores e Animadores competentes, liberados. Cremos serem inúmeras as razões desse fenômeno. Elas estão dentro e fora da Igreja. Entre as causas internas, citamos algumas: superficialidade da fé, catequese a desejar, minoria de leigos preparados, morosidade causada pela forte burocracia, amadorismo pastoral, inadequação metodológica da pastoral, falta de criatividade e valentia para superar os desafios de nosso tempo, conservadorismo e contra-testemunhos de uma boa parte. Citando alguns: escândalos de membros da hierarquia, defasagem entre discurso e

prática, acomodação, aburguesamento, pouco ardor missionário e partilha insuficiente do poder eclesiástico.

Toda denúncia e contestação legítimas são expressões de fé e amor a Deus e a seu Povo. A pertença à Igreja impõe ao católico a obrigação de denunciar os desvios eclesiais, porque a fidelidade ao Cristo exige conversão contínua. Em relação à Promoção Vocacional, pode-se afirmar que não há medidas tão eficazes para elevar qualidade e cifra vocacionais, como a oração e o testemunho. Consoante a isso, convém salientar que o Povo de Deus é santo e pecador. Talvez mais santo. A hierarquia eclesiástica está ciente de que só haverá vocações suficientes em qualidade e quantidade, se os membros forem fiéis à Cabeça da Igreja, Jesus Cristo. Nesse sentido, parece haver empenho da maioria. Tratando-se, em especial, da Animação Vocacional, há muitas iniciativas: encontros, seminários, cursos, congressos diocesanos, nacionais e internacionais. CNBB, CRB (Conferência dos Religiosos do Brasil), IPV (Instituto de Pastoral Vocacional), dioceses e congregações vocacionistas têm apresentado programas valiosos, para formação de Animadores e incremento das vocações. Algumas congregações religiosas priorizam os trabalhos vocacionais, investindo bastante recursos humanos e materiais. Há vasta bibliografia sobre o assunto no mercado brasileiro. Percebe-se que não se trata apenas de preocupações meramente teóricas. Já se vê muita gente com a mão na massa. Louvado seja Deus, pela existência desses indicadores de um futuro vocacio-

nal melhor. Se toda a Igreja acelerar o passo nessa direção, muitas ovelhas sem pastor passarão a tê-lo.

Como súplica de aprimoramento, submetemos todas as idéias, aqui apresentadas, à apreciação dos leitores. Tomara que este texto suscite, em especial nos mais responsáveis, maior apreço concreto à causa vocacional, expresso em mais testemunho e implementação das boas sugestões sobre Animação Vocacional, já existentes na Igreja do Brasil. Pedimos ao Senhor da Messe os dons da criatividade e arrojo, para o enfrentamento dos desafios atuais.



BIBLIOGRAFIA

- ADAMI, Luiz Augusto. O Trabalho Vocacional, in Vocações Sacerdotais e Religiosas, Organizador: COVECSES, Géza. São Paulo, Ed. Paulinas, 1961.
- ARQUIDIOCESE DE SÃO PAULO. 1º Congresso Vocacional Arquidiocesano. São Paulo, Equipe de Sistema e Redação, 2001.
- BARTH, A (Org.). Formação de Animadores Vocacionais. Petrópolis, Vozes, 1995.
- BARTH, A. Animação Vocacional: Missão de Todos. São Paulo, Loyola, 1999.
- BENTO XVI. Os Doze Apóstolos e os Primeiros Discípulos de Jesus. Lisboa, Paulus, 2008.
- BERTHET, H. Vocação Sacerdotal: Princípios Fundamentais e Normas de Seleção e Amparo. Lisboa, Sampetro, 1961. Conclusivo, São Paulo, Paulinas, 1982.
- BÍBLIA DE JERUSALÉM, São Paulo, Paulus, 1995.
- CATAPAN, J. I. Pastoral Vocacional Diocesana: Organização e Prática (CV 1). 2.ed., São Paulo, Loyola, 1983.
- CAZAROTTO, J. L., VITÓRIO, J., BRASIL, R., SÍVERES, L., (Org). Pastoral Vocacional: Fundamentos Antropológicos, Teológicos e Pastorais. São Paulo, Loyola. 1990.
- CELAM , III Conferência Geral do Episcopado Latinoamericano (Puebla). São Paulo, Loyola, 1979. Nº s 850-891.1006.
- _____ e outros. A Pastoral Vocacional no Continente da Esperança. 2. ed., São Paulo, Paulinas, 1994.
- _____. Pastoral das Vocações na América Latina. Petrópolis, Vozes, 1968.
- _____.V Conferência Geral do Episcopado Latinoamericano (Aparecida). São Paulo, Paulus/Paulinas, Brasília, CNBB, 2007. Nºs.314.315.
- _____. Conclusões da IV Conferência do Episcopado Latinoamericano (Santo Domingo). São Paulo, Paulinas, 1992. Nºs.78-80.82.293.294.302.
- _____. Documentos do CELAM: Rio, Medellín, Puebla, Santo Domingo. São Paulo, Paulus, 2004.



CENCINI, A. Quando Deus Chama: A Consagração, Aposto e Desafio para os Jovens de Hoje. São Paulo, Paulinas, 2004.

_____. A Arte de Ser Discípulo: Ascese e Disciplina: Itinerário de Beleza. São Paulo, Paulinas, 2011.

_____. A História Pessoal, Morada do Mistério: Indicações para o Discernimento Vocacional. 3. ed., São Paulo, Paulinas, 2003.

_____. Redescobrimo o Mistério: Guia Formativo para as Decisões Vocacionais. São Paulo, Paulinas, 1999.

CÓDIGO de Direito Canônico. São Paulo, Ed. Loyola, 1983.

CNBB. A Pastoral Vocacional no Brasil: História e Perspectivas (Estudos 50). São Paulo, Paulinas, 1987.

_____. Diretrizes para a Formação dos Presbíteros da Igreja no Brasil (Documentos 93). Brasília, CNBB, 2010. N°s 98, 99, 100; 101; 102; 105; 106; 109 (1.2.3); 110; 116; 118; 128; 129; 142 (12); 208 (1); 215.

_____. Guia Pedagógico de Pastoral Vocacional (Estudos 36). 6. Ed. São Paulo, Ed. Paulinas, 1983.

_____. 1º Congresso Vocacional do Brasil: Vocações e Ministérios para o Novo Milênio: Documento Final. Brasília, CNBB, 1999.

_____. 2º Congresso Vocacional do Brasil: Texto Base. Brasília, CNBB, 2004.

_____. “Ide Também Vós para Minha Vinha” : Temáticas do 2º Congresso Vocacional (Estudos 90). São Paulo, Paulinas, 2005.

_____. Discípulos Missionários a Serviço das Vocações: Conclusões do 3º Congresso Vocacional do Brasil. Brasília, CNBB, 2010.

_____. Vida e Ministério dos Presbíteros: Síntese do Tema Central da 42ª Assembléia Geral da CNBB 2004 (Estudos 88), São Paulo, Paulus, 2004.

_____. A Pastoral Vocacional: Realidade, Reflexões e Pistas (Estudos 5). 3. ed., São Paulo, Paulinas, 1979.

_____. Batismo: Fonte de Todas as Vocações, Texto-Base do Ano Vocacional. 2003. Convergência n° 361. v. 38 pp. 140-149.

_____. Situação e Vida dos Seminaristas Maiores no Brasil (Estudos 40). São Paulo, Ed. Paulinas, 1984.

_____. Vida e Ministério do Presbítero: Pastoral Vocacional (Documentos 20). São Paulo, Paulinas, 1981.

_____. A Pastoral Vocacional no Brasil: História e Perspectivas (Estudos 50). São Paulo, Ed. Paulinas, 1987.

_____. Evangelização da juventude: Desafios e Perspectivas Pastorais (Estudos 93). 5. ed., São Paulo, Ed. Paulus, 2007.

_____. Diretrizes Gerais da Ação Pastoral da Igreja no Brasil – 1983-1986 (Documentos 28). São Paulo, Ed. Paulinas, 1983.

_____. Diretrizes Gerais da Ação Evangelizadora da Igreja no Brasil 1995-1998 (Documentos 54). 2. ed., São Paulo, Ed. Paulinas, 1995.

_____. Diretrizes Gerais da Ação Evangelizadora da Igreja no Brasil 2003-2006 (Documentos 71). 2. ed., São Paulo, Ed. Paulinas, 2003.

_____. Diretrizes Gerais da Ação Evangelizadora da Igreja no Brasil 2011-2015 (Documentos 94). 3. ed., São Paulo, Ed. Paulinas, 2011.

_____. Evangelização e Missão Profética da Igreja: Novos Desafios (Documentos 80). 3. ed., São Paulo, Ed. Paulinas, 2006.

_____. Formação dos Presbíteros da Igreja no Brasil: Diretrizes Básicas (Documentos 55). São Paulo, Ed. Paulinas, 1995.

_____. Missão e Ministérios dos Cristãos Leigos e Leigas (Documentos 62). 10. ed., São Paulo, Ed. Paulinas, 2010.

COMBLIN, J. Pastoral Urbana: O Dinamismo na Evangelização. 2. ed. Petrópolis, Vozes, 2000.

CONCÍLIO Ecumênico Vaticano II, Documentos (1962-1965). 2. ed., São Paulo, 1997

DOMINGUEZ, L. M. G. Discernir o Chamado: A Avaliação Vocacional. São Paulo, Paulus, 2010.

IMODA, F (Org). Olhou para Ele com Amor: Psicologia da Vocação na Fase da Juventude. São Paulo, Paulinas, 2002.

_____. Conduziu-o Até Jesus: Psicologia da Vocação na Adolescência. São Paulo, Paulinas, 2002.

IPV/SANTOS, D. Cair na Real: Leitura Crítico-Cristã da Realidade. Proposta de Integração PJ-PV (CV 33). São Paulo, Loyola, 1994.

_____. Convidados a Participar: Uma Proposta de Integração PJ-PV (CV 32).

_____. Pastores Dabo Vobis: Sobre a Formação dos Sacerdotes. São Paulo, Ed. Paulinas, 1992.

MARTOS, J. C. Animação Vocacional: Para Tempos Difíceis e Exigentes. São Paulo, Ave Maria, 2010.

MATTIAZZI, B. A Natureza dos Interesses e a Orientação Vocacional. 3. ed., Petrópolis, Vozes, 1977.

MESTERS, C. Vai, Estou Contigo: Vocação e Compromisso à Luz da Palavra de Deus. São Paulo, Paulinas, 2010.

OLIVEIRA, J. L. M. de. Pastoral Vocacional e Cultura Urbana. São Paulo, Loyola, 2000.

_____. Qual o Sentido da Vocação e da Missão? São Paulo, Paulus, 2006.

_____. Na Órbita de Deus. São Paulo, Loyola, 2004.

_____. Evangelho da Vocação: Dimensão Vocacional da Evangelização. São Paulo, IPV/Loyola, 2003.

_____. Teologia da Vocação: Temas Fundamentais. 2. ed., São Paulo, IPV/Loyola, 2000.

_____. Apertar o Passo, Fundamentos Teológicos do Método Pedagógico (online: www.sav.org.br).p.

_____. Vamos Até As Praças: As Lições que Ficam do 2º Congresso Vocacional (online: www.sav.org.br)

PAULO II, João. Pronunciamento do Papa no Brasil (Texto Integral segundo a CNBB), 8. ed., São Paulo, Ed. Loyola, 1980.

_____. Pastores Dabo Vobis: Sobre a Formação dos Sacerdotes. São Paulo, Ed. Paulinas, 1992.

PAULO VI. A Evangelização no Mundo Contemporâneo (Exortação Apostólica “Evangelii Nuntiandi” – Documentos Pontifícios, 188). 6. ed., Petrópolis Vozes, 1984.

PONTIFÍCIA Obra para as Vocações Eclesiásticas. Novas Vocações para uma Nova Europa. www.vatican.va/roman_curia/congregations/ccatheduc/documents/rc_com_ccathe

SAGRADAS Congregações. 2º Congresso Internacional de Bispos e Outros Responsáveis pelas Vocações eclesiais. São Paulo, Ed. Paulinas, 1982.

NOTAS BIBLIOGRÁFICAS

1 - Cf. Dt 7, 6-7.

2 - Cf. Ex 3, 1-12.

3 - Jo, 15,16.

4 - OLIVEIRA, J. L. M. de. Qual o Sentido da Vocação e da Missão? São Paulo, Paulus, 2006, pp. 87-88.

5 - Cf. Jo 15, 18-16, 4; Cf. CNBB, Diretrizes Gerais da Ação Evangelizadora da Igreja no Brasil, 2011-2015, 3ª. Ed., São Paulo, Paulinas, 2011, nº 17.

6 - Ibidem, 63.

7 - Cf. Rm 8, 28-30.

8 - Cf. Mc 1, 5; Rm 1, 15.

9 - Cf. Mt 7, 21; 28,18.

10 - Cf. Tm 2, 4-6.

11 - Cf. Jr 3, 15; Mt 9,36-38.

12 - Cf. Mt 17, 20-21; Rm 1, 17; 9, 9; Gl 3, 11; Hab 2, 4.

13 - Ibidem.

14 - Cf. Rm 1, 5; Hb 11, 6; Tg 2, 16.

15 - Hab 2, 4; Rm 1,17; Gl 3,11; Hb 10, 38.

16 - Cf. Lc 20, 21; Jo 14, 6; Hb 6, 18; 2Tm 1, 12.

17 - Cf. Sl 127, 1-2.

18 - Cf. Mt 7, 7-11; 21, 18-22; Mc 11, 20 -24; Lc 18, 1-8.

19 - Cf. Mt 9, 36-38.

20 - Lc 6, 12-13.

21 - Cf. Dt 7, 6-7; Mt 10, 1- 4; Mc 3, 13-19; Lc 6, 12-16; Jo 15, 16; Lumen Gentium, nº 19.

22 - Cf. Jo 15, 5; 17, 9-26; Sl 127, 1-2.

23 - Cf. Lc 10, 2; Jo 10, 10; Idem, Estudos 36, pp.55-56; Idem, Estudos 5, p.11; II Congresso Internacional, nº 23; Documento da CNBB 20, nº 250; Puebla, nº 862.

24 - Cf Jo 2,1-12.

25 - Cf. Mt 9, 36-38.

26 - Cf. Jl 1, 14; 2, 15; Jn 3, 5; Jr 36, 6; Mt 4, 2; 17, 20; Optatam Totius, nº 2.

27 - PAULO II, João.- Pronunciamento do Papa no Brasil (Texto Integral segundo a CNBB), 8ª.ed., São Paulo, Ed. Loyola, 1980, p.133.

28 - Cf. Mt 10, 42.

28a - Cf. Mt 19, 27-29; Mc 10, 28-31; Lc 18, 28 -30.

29 - Cf. Mc 8, 34-36; Idem, Qual o Sentido da Vocação e da Missão, pp. 87-88.

30 - Cf. Rm 13, 8-10.

31 - Cf. Jo 15, 12; Rm 13, 8-10.

32 - Mt 7, 21-27.

33 - Cf. Lc 11, 27-28; 9, 26; Jo 13, 12-17; 15, 7-17; Tg 2, 14-26.34.

34 - Cf. Jo 15, 1-17.

35 - Cf. Mt 7, 15-27; Estudos 5, p.

16; Idem, Estudos 36, pp. 63-64; II Congresso Internacional, n°s. 34.37; Idem, Estudos 20, p. 253.

36 - Catecismo da Igreja Católica, 5. ed., Petrópolis, Ed. Vozes e outras, 1993, n°s 1114-1116.

37 - 1Tm 2, 4.

38 - Cf. 2° Congresso Internacional, n°s. 21.61; GODEFREY, P. Mais Vocações. Petrópolis, Vozes, 1962, p. 135.

39 - Presbyterorum Ordinis, n° 6. 39^a-2° Congresso Internacional, n° 39.

40 - CNBB. Vida e Ministério do Presbítero-Pastoral Vocacional, (Documentos da CNBB 20), Ed. São Paulo, Ed. Paulinas, 1981, n° 252.

41 - CNBB, Diretrizes Gerais da Ação Evangelizadora no Brasil – 2003-2006 (Documentos da CNBB 71), 2ª. Ed., São Paulo, Ed. Paulinas, 2003, n° 1.

42 - 2° Congresso Internacional, n° 37.

43 - Optatam Totius, n° 2.

44 - Documentos da CNBB 71, n° 1.

45 - Cf. Idem, Estudos 5, pp.14.27-30.37.58.62.142; Idem, Estudos 36, p. 52; 2° Congresso Internacional n°s. 34.40.43.

46 - Cf. Idem, Documentos da CNBB 20, n°s. 247.271; Presbyterorum Ordinis, n° 11.

47 - Cf. 1Cor 12,12-30; Optatam Totius n° 2; Puebla, 861; Idem, Estudos 5, pp.15.41. 145.147; Idem, Estudos 36, pp.32.52.57; II Congresso Internacional, n°s. 28.32; Documentos da CNBB 28, n°160; Presbyterorum Ordinis, n°11.

48 - Optatam Totius, 2.

49 - Aparecida, n° 314.

50 - Cf. Ibidem; Optatam Totius, n° 2.

51 - Aparecida, n° 314.

52 - Cf. Documentos da CNBB 20, n° 252; Aparecida n° 314.

53 - Cf. Mt 5, 17-19; Jo 17, 1-26; At 2, 42-47; Rm 12, 4-8; 1Cor 12, 12-30; Idem, Qual o Sentido da Vocação e da Missão? ,p.80.

54 - Cf. Dt 7, 6-7; Mt 10, 1-4; Mc 3, 13-19; Lc 6, 12-16; Jo 15, 16; Lumen Gentium n° 19.

55 - Cf. Mt 5, 17-19.

56 - 2° Congresso Internacional, n° 7.

57 - Cf. Mt. 7, 21-27; CNBB, Estudos 50, pp. 10.86-87; Puebla, n° 851; Idem, Estudos 5, p.10; 2° Congresso Internacional, n° 61.

58 - Idem, Qual o Sentido da Vocação e da Missão? , p.80.

59 - Idem, Estudos 5, pp. 41-42.

60 - Ibidem, p. 41-42; Idem Estudos 50, p. 63; 2° Congresso Internacional, n° 37.

61 - Cf. Idem, Estudos 5, pp. 11.141.142; 2° Congresso Internacional, n°s. 31.37; Puebla, n° 863.884; Documentos da CNBB 20, n° 246.

62 - Puebla, n° 400.

63 - Puebla, n°s 863. 884; Documentos da CNBB 20, n°s 246. 249.

64 - Cf. Ibidem, n°s., 244.255.256.

65 - Cf. MARTOS, J. C. Animação Vocacional: Para Tempos Difíceis e Exigentes. São Paulo, Ave-Maria, 2010, pp. 145-156; Puebla, n°s 400.863.864; Documentos da CNBB 20, n°s 246. 249.

66 - Evangelii Nuntiandi, n° 45.

67 - Cf. Decreto “Inter Mirífica” Sobre os Meios de Comunicação Social, n°s 1-2; Idem, Estudos 50, pp. 76. 90.121.

68 - Evangelii Nuntiandi, n° 45; 2° Congresso Internacional, n° 60.

69 - Ibidem.

70 - Documentos da CNBB 20, n° 246.248.249.

71 - Idem, Qual o Sentido da Vocação e da Missão? , p. 87; Idem, Estudos 5, p. 136; Aparecida n° 314

72 - Cf. Idem, Estudos 50, p. 127.

73 - Lc 12, 32.

73a - Mt 28, 18-20.

74 - Cf. Mt 4, 19-21; 9, 9; Mc 3, 13; Jo 1, 43; 11, 25-26; Idem, Estudos 5, pp. 16.17. 145; 2° Congresso Internacional, n°s. 32. 56; Cf Jo 11, 25-26.

75 - Revista Mundo e Missão n° 156, Editora Mundo e Missão, São Paulo, 2011, p.13.

76 - Jo 16, 24.

77 - Jo 15, 10 -14.

78 - Cf. Sl 43,4; 97,11; Lc 2, 10; 10,17; 24, 41; Cf. Jo 10, 10.

79a- Santo Domingo, n° 80.

80 - Puebla, n° 889.

81 - Ibidem; Idem, Estudos 5, pp. 135. 136. 151; Documentos da CNBB 20, n° 266;

82 - Documentos da CNBB 20, n° 256; Idem Estudos 36, p. 57; Documentos da CNBB 93, n°s. 107-108.

83 - CNBB. 2° Congresso Vocacio-

nal do Brasil, n° 27, in Estudos da CNBB 90, p. 136.

84 - Cf. Idem Estudos 5, p. 135; 1Cor 12, 12-30.

85 - ICor 12, 14-15.

86 - Cf. Idem, Estudos 36, pp. 53-54.

87 - Cf. Mt 4, 19-21; 9, 9; Mc 3, 13; Jo 1, 43; Idem, Estudos 5, pp. 16.17. 145; 2° Congresso Internacional, n°s. 32. 56.

88 - Cf. Mt 4, 18-22 ; 9, 9; 10, 1-4; Mc 1, 16-20; 2, 13-14; 3, 13-19; Lc 5, 1-11; 5, 27-28; 6, 12-16; Jo 1, 35-51; 15, 16.

89 - Cf At 17, 16-34.

90 - Cf. GODÍNEZ, Carlos A. A Pastoral Vocacional do Papa João Paulo II: A Vocação ao Sacerdócio e à Vida Consagrada é uma Iniciativa de Deus, (Texto online), p. 1.

91 - Cf. Santo Domingo, n° 79; Idem, Estudos 50, p. 63.

92 - Cf. Mt 4, 18-22 ; 9, 9; 10,1- 4; Mc 1, 16-20; 2, 13-14; 3, 13-19; Lc 5, 1-11; 5, 27-28; 6, 12-16; Jo 1, 35-51; 15, 16.

93 - Cf. Mt 28, 18-20; Mc 16, 15-16.

94 - Idem , Estudos 90, n° 28.

95 - Idem, Qual o Sentido da Vocação e da Missão?, p. 82.

96 - Cf. Idem, Estudos 5, p.17; GODEFREY, P. Mais Vocações. Petrópolis, Vozes, 1962, p. 38; Puebla, n° 861.

97 - Cf. Santo Domingo, n° 79.

98 - Cf Dt 7, 6-8; Jo 15, 16; Mc 8, 34-38; Lc 14, 28-33; Direito Canônico, Cân. 1029; Idem, Estudos 50, pp. 104-105.

99 - Cf. 1º Congresso Vocacional do Brasil, n.ºs. 44-46; Idem, Estudos 90, p.137; Oliveira, J.Lisboa Moreira de. Apertar o Passo: Fundamentos Teóricos do Método Pedagógico Vocacional (Apostila online), p. 12.

100 - Idem, Estudos 90, n.º 28.

101 - 1º Congresso Vocacional do Brasil, n.ºs. 43-46.

102 - Cf. Idem, Estudos 5, p. 135.149; Idem, Apertar o Passo. Fundamentos Teóricos do Método Pedagógico Vocacional (Apostila online), p. 12.

103 - Cf. Ibidem.

104 - Cf. Idem, Estudos 5, p.19.

105 - Mt 10,27.

106 - Cf. Lc 19, 35- 40.

107 - Cf.. Mt 28, 18-20.

108 - 1Cor 9, 16.

109 - Idem, Estudos 50, p. 76.

110 - Cf. Puebla, n.º 850; Idem, Estudos 5, p.57; Idem, Estudos 90, p.97.98; Idem, Apertar o Passo. Fundamentos Teóricos do Método Pedagógico Vocacional (Apostila online), p.2.

111 - Ibidem.

112 - Cf Lc 14, 28-33.

113 - Idem, Estudos 5, p. 149.

114 - Cf. Mt 10, 16.

115 - Lc 16, 8.

116 - 2º Congresso Internacional, n.º 18.

117 - Mt. 13, 23.

118 - Cf. Puebla, n.º 851; CELAM e utros. A Pastoral Vocacional no Continente da Esperança. 2.ed.São Paulo, Paulinas, 1994, p. 22

119 - Cf. Mt 5, 48; Idem, Estudos 50, p. 25.

APÊNDICE

* O Acompanhamento inclui catequese, discernimento e decisão.



FÉ: GARANTIA DE VITÓRIA

Pe. Antônio de Lima Brito nds

Com o anseio de encorajar os Animadores, achamos por bem evocar algumas manifestações do poder de Deus e de seu amor pelo povo. Se convencidos da potência e bondade infinitas do Todo Poderoso, os Pastores Vocacionais jamais temerão as ameaças do mundo ao exercício de sua missão.

Com poder maior que o de Faraó e o sim de Moisés (1), Deus libertou seu povo da escravidão egípcia (2). Por mediação de Moisés, o Senhor abriu o mar, para salvar os judeus da perseguição de Faraó (3). Deus, por intercessão de Moisés, tirou água da pedra, para saciar os sedentos (4). Livrando Moisés das acusações dos famintos, o Senhor matou a fome dos murmuradores, com maná e codornizes abundantes (5).

O Pai ama tanto a humanidade que faz nascer de uma virgem o Redentor (6). Ele é tão apaixonado pelo ser humano, que sacrificou seu único Filho, para salvá-lo (7).

Compadecido com a fome da multidão, Jesus alimentou-a, multiplicando pães e peixes (8). Movido pela preocupação da Mãe, o Nazareno transformou água em excelente vinho, nas Bodas de Caná, para sanar o constrangimento causado pela falta dessa bebida (9).

Como expressão de seu amor misericordioso, o Carpinteiro escolheu o publicano Mateus, como um de seus apóstolos (10) e elevou Simão, o medroso, traidor, ao ápice da hierarquia de sua Igreja (11). Como Senhor da vida e compassivo diante do sofrimento dos parentes dos falecidos, Jesus ressuscitou Lázaro (12), o filho da viúva de Naim (13) e a filha de Jairo (14). O Salvador demonstrou, sobretudo com sua ressurreição (15), seu poder sobre a morte, sua divindade. Realizou suas palavras ditas aos judeus, que lhe pediam um sinal: “Destruí este templo e em três dias eu o levantarei” (16). Tudo é possível a Deus (17) e a quem Nele crê (18).

A fé na Trindade e ressurreição implica, em nossos dias, uma ousada revolução no modo de se fazer Animação Vocacional. O Animador revolucionário tem por segurança a fidelidade de Deus. Não luta sozinho. Seu amor pelo Reino tira-o do “mesmismo”, em vista de resposta nova aos desafios emergentes. Ele não se detém nos empecilhos de sua militância, porque a graça de Deus e o fascínio pelo ideal fazem-no superá-los. A evangelização clama por Animador criativo, inovador, ousado, apaixonado por Deus e seu Povo. A Igreja necessita de gente que advogue a causa das ovelhas sem pastor; alguém capaz

de oferecer ao Filho de Maria uma realidade vocacional diferente da constatada por Ele (19). O Reino requer vocacionista de oração, liberado, preparado, arrojado, capaz de dar ao Messias a alegria de poder dizer: Agora sim, estou contente, porque vejo o povo vivendo como ovelhas que têm pastor.

- 1** - Cf. Ex 3,1-20;
- 2** - Cf. Ex 13,17-22;
- 3** - Cf. Ex 14,15-16;
- 4** - Cf. Ex 17, 6;
- 5** - Cf. Ex 16, 1-35.
- 6** - Cf. Lc 1, 26-38; Lc 2, 1-20.
- 7** - Cf. Jo 3, 16;
- 8** - Cf. Jo 6, 1-15;
- 9** - Cf. Jo 2, 1-12.
- 10** - Cf. Mt 9, 9-13;

- 11** - Cf. Mt 16. 18-19.
- 12** - Cf. Jo 11, 1- 44.
- 13** - Cf. Lc 7, 11-17.
- 14** - Cf. Mc 5, 35-43.
- 15** - Cf. Jo 20, 1-29;
- 16** - Cf. Jo 2, 18-22.
- 17** - Cf. Mt 19, 26; Mc 10, 27.
- 18** - Cf. Mc 9, 23.
- 19** - Cf. Mt 9, 35-38.



“AI DE MIM, SE EU NÃO EVANGELIZAR”

Pe. Antônio de Lima Brito nds

I - Fazer Pastoral é Viver no Pasto

Pastoral é uma atividade no pasto, no meio do povo, campo de ação do pastor. É uma militância com e para as pessoas. É essencialmente ampla em sua abrangência. O bom pastor é fascinado por todo o rebanho. Ele não se contenta com um indivíduo ou grupo apenas. Não elitiza; não exclui ninguém. Trabalha em qualquer lugar e circunstância. Seu fascínio é o bem comum: salvação de todos (1).

Fazer pastoral é propor santidade, salvação, anunciando a Pessoa e Palavra de Cristo (2), morto e ressuscitado (3). O pastor transforma o conteúdo teológico em mensagem redentora, levando-o às ovelhas. Ele é o mediador da proposta salvífica ao rebanho a ser salvo. Sua mensagem é o querigma e não ideologias. Com ele, o mensageiro constrói o reino de Deus, fim de toda pastoral.

O pastor é alguém que entende de ovelha, de sua complexidade, necessidades. Ele caminha à frente

de seu rebanho, não porque é o primeiro, mas porque é guia, mestre, animador, defensor. Ele objetiva, com seu trabalho, o bem das ovelhas que vivem os contrastes da existência humana, as agressões do mundo. O bom pastor não vive para si; não se contenta com meia medida. Ele se engaja totalmente na busca de vida plena para si e suas ovelhas (4).

II - A Pregação é Fonte de Fé

Reconhecendo a necessidade de pregar a Boa Nova de Jesus, São Paulo encara sua missão não como uma tarefa facultativa, que lhe confere status, bens materiais. Ele a vê como obrigação decorrente do mandato do Senhor (5). Proclamar a Boa Notícia é uma questão de fidelidade à ordem de Jesus; uma condição de realização do Reino de Deus. Exclama o apóstolo: “Anunciar o Evangelho não é título de glória para mim; pelo contrário, é uma necessidade que me foi imposta. Ai de mim, se eu não anunciar o Evangelho” (6).

Em sua carta aos romanos, Paulo apresenta a pregação da Palavra de Cristo como fonte de fé (5ª). Em razão da necessidade do anúncio, ele enaltece o pregador, citando Isaias: “Quão maravilhosos os pés dos que anunciam boas notícias” (6).

III - Poder, Burocracia, Acomodação Comprometem a Evangelização

Ainda que a bíblia insista na necessidade da pregação da Palavra de Deus (7), uma leitura rápida da história

permite afirmar que o entusiasmo apostólico tem oscilado muito na prática pastoral da Igreja. À medida que cresce o número dos batizados e conseqüente poder religioso, político e econômico, a instituição perde qualidade apostólica, ardor missionário. Parece que há uma substituição de prioridade. As vantagens materiais imediatas de tais poderes fascinam de tal modo parte da hierarquia, que ela chega a perder de vista sua vocação de serva (8) e a primazia do anúncio do Evangelho (9). Instala-se, então, um espírito de acomodação no interior da Igreja, acobertado pela burocracia e poder. Com tudo isso, ela compromete sua missão evangelizadora universal (10) e a formação dos fiéis (11). Entre outras, ressaltamos duas realidades graves, perceptíveis na vida da Igreja:

1 – Burocracia.

Em virtude da pouca consciência dos fiéis, consoante a seus direitos e deveres, acomodação de um número razoável de sacerdotes e concentração dos ministérios, sobretudo nos padres, em número insuficiente, o “ide” de Jesus (12) transformou-se, em muitos casos, em “ficai”. Muitos padres trocaram o pasto pela sacristia. Abraçaram demais a burocracia em detrimento do pastoreio. Diminuíram ou abandonaram o anúncio da Boa Nova, para atender a uma clientela exclusiva. Agora, são homens de reuniões e mais reuniões, encontros e assembleias. Estão enclausurados no grupo cativo de clientes e amigos. São, muitas vezes, consumidos em atendimentos sacramentalistas, promovendo, assim, mais a religião que a fé. São onerados, em grande parte, por atividades administrativas indevidas; alguns são mais construtores e sitiantes que evangelizadores. A falta de pastores é, em muito, reflexo dessa situação. Tudo isso clama por conversão vocacional.

Como pároco mais de 10 anos, pude perceber o contraste praticado pelos meus dirigentes, entre a exigência da presença dos párocos em eventos burocráticos e o interesse por uma ação evangelizadora concreta e urgente. Jamais recebi uma visita pastoral do bispo. Em vez de visitar cada comunidade paroquial, promovia mais uma reunião com os párocos, vigários e Conselhos Pastorais Paroquiais (CPP) do setor. Nunca fui questionado sobre a pastoral de minha paróquia. Em contrapartida, ouvi reclamações por não ter participado de poucas reuniões; atendi alguns telefonemas da cúria, cobrando o dízimo paroquial, por atraso de 2 a 3 dias; jamais ligaram, reivindicando maior ardor missionário. Senti-me induzido a concluir que evangelizar só era prioridade no discurso; “pároco ideal” é o de reuniões-mais-reuniões e pontual no pagamento do dízimo. O que Jesus de Nazaré acha disso?

2 – Perda do Espírito de Serviço.

A Boa Nova de Jesus é uma proposta de amor concreto (13). Com o batismo, o cristão acolhe o Evangelho, comprometendo-se em servir aos irmãos como discípulo do Filho de Deus (14). O acolhimento da mensagem é consequência do anúncio. Não anunciar o Evangelho é deixar de propor Jesus Cristo como Messias, o serviço como caminho de santificação e salvação. O primeiro trabalho dos ministros ordenados é anunciar o querigma (15).

Há casos, em que não se percebe nos pastores o testemunho de serviço tão exigido por Jesus (16) e esperado pelo povo. A pretexto de horário, organização, reuniões, viagens, cursos, lazer, padres deixam, às vezes, de atender suas ovelhas. Parecem pastores de si mesmos (17). Acrescente-se a isso, o fechamento de igrejas em horários inconvenientes ao povo, sob o pretexto de segurança.

Em seu artigo “Faltam Padres?”, Pe. José Lisboa denuncia a carência do espírito missionário na Igreja, com essas palavras: “A questão é muito antiga. Não faltam padres, mas, como nos lembra São Gregório, falta paixão pelo Reino. O ministério é visto apenas como status, privilégio, meio de fazer carreira e de resolver situações pessoais, como profissão rentável. Por isso, muitos aceitam ser ordenados, mas somente um número pequeno se dispõe a “cumprir o dever do ofício”, ou seja, a servir o Povo de Deus lá onde ele precisa” (18).

Como medidas para reverter ou atenuar a gravidade dessa situação, propomos:

a - Com uma nova Animação Vocacional, mobilizar as bases dos fiéis católicos, sobretudo as comunidades desassistidas ou mal atendidas, a fim de cobrarem dos ministros ordenados mais ardor missionário e dos responsáveis pelos candidatos ao diaconato permanente e presbiterado um acompanhamento mais próximo e mais diretivo.

b - Movimentar o povo católico, em especial a hierarquia, para que a formação dê aos ministros ordenados mais qualidade ética, moral, espiritual e ministerial. Por que isso? Porque com certa frequência, os fiéis se decepcionam com padres que namoram; outros escandalizam com prática de homossexualismo, pedofilia; alguns desviam recursos da comunidade etc. Essa realidade é mais que lamentável. Ela é digna de compaixão e de medidas saneadoras. Deus e o povo merecem bons pastores. É deplorável, porém, certos padres não perceberem infidelidade igual ou maior,

em não cumprirem sua missão de consagrados, em vista do Reino de Deus. Vivem comprando tijolos, cimento, cuidando de construções, reformas, chácaras, sítios, fazendas; além das atividades financeiras e burocráticas. Em muitos casos, há o agravamento do abuso do poder e mordomias. E o povo? Como fica? Vivendo “como ovelhas sem pastor”? (19).

c - Reivindicar das autoridades eclesiásticas medidas capazes de inovar a prática da maioria dos Animadores Vocacionais, para melhorar o número e a qualidade do resultado de seus trabalhos.

d - Buscar caminhos para discutir, com a hierarquia eclesiástica, sobre as vantagens pastorais do aproveitamento ministerial dos padres casados.

e - Incrementar a preparação dos agentes leigos, oferecendo a alguns a mesma formação bíblica, teológica e pastoral, dada ao candidato ao presbiterado.

Reconhecemos inúmeras tentativas, mas insuficientes, na direção do incremento missionário. Ainda há, no entanto, um grande vale tenebroso entre discurso e prática. Parece-nos que a ameaça do proselitismo evangélico, no Brasil, tem produzido mais efeito na hierarquia, que a exigência intrínseca do mandato de Jesus: “Ide e fazei que todas as nações se tornem meus discípulos, batizando-as em nome do Pai, do Filho e do espírito Santo e ensinando-as a observar tudo quanto vos ordenei...” (20).

Sinaliza, contudo, esperança saber que, em muitos lugares, há cristãos leigos, consagrados, ordenados, vivendo sua missão evangelizadora exemplarmente; per-

dendo a vida para ganhá-la (21). Temos muitas razões por que esperar por um futuro, em que os membros da Igreja serão mais fiéis à sua Cabeça. Para tanto, peçamos ao Pai a graça da conversão, acolhendo a ordem de seu Filho: “Arrependei-vos e crede no evangelho” (22).

A PALAVRA DE DEUS SÓ É DE SALVAÇÃO, QUANDO PROCLAMADA, ACOLHIDA E PRATICADA.

1 - Cf. Tm 2, 4-6; Rm 1, 6; Hb 5, 9.

2 - Cf. At 17,3.

3 - Cf. ICor 1,23; 15,20.

4 - Cf. Jo 10,10-11.

5 - Cf. At 9,15; Fil 3,12.

5^a - Cf. Rm 10, 17.

6 - ICor 9,16.

6^a - Is 52,7.

7 - Rm 10,14-17.

8 - Cf. At 6,1-2; 2Tm 4,2;

9 - Cf. At 6,1-2; 2Tm 4,2;

10 - Mt 28,18-20;

11 - Cf. Mt 28,19;

12 - Cf. Mt 28,18-20;

13 - Cf. Mt 28,18;

14 - Cf. Mt 7,21; 25,31-46.

15 - Cf. Jo 15,9-17.

16 - Cf. Mc 16,15;

17 - Cf. Mc 9,33-35.

18 - Cf. Jr 34,2.

19 - Cf. Mt 9,36-38;

20 - Mt 28, 19.

21 - Cf. Mc 8, 34-38; Lc 9,23-26;

22 - Mc 1, 15.





O IRMÃO É UMA CONSTRUÇÃO

Pe. Antônio de Lima Brito nds


Sou de barro e sopro feito,
Tenha-me por criatura.
E só Deus é o ser perfeito,
Assim fala a escritura.

Criatura mui pobre sou,
Mas em Deus, um rico serei.
Para mim o Filho mandou
E Neste, ressuscitarei.

Com dons, o Pai me revestiu,
Deles despenseiro me fez,
Para completar, me pediu,
Meu semelhante, sem talvez.

O irmão é uma construção,
Por meu Deus iniciada,
Que carece de doação,
Para ser bem acabada.

Se eu não for um tijolo
Na parede de meu irmão,
Com certeza serei tolo,
Sem dúvida, um mau cristão.



Satisfazer do próximo
A necessidade d'amor
É o modo como exprimo
Minha fé em Cristo Senhor.

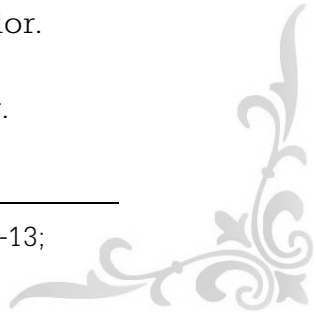
Opção vocacional,
Compromisso com verdade,
Busca de justa, fraternal
E livre sociedade.

Praticar minha vocação,
O bem do outro visando,
É a real libertação
E de Deus me aproximando.

Exercitar a vocação
É efetivar batismo,
É do fiel uma oblação,
Do cristão um heroísmo.

Sinto-me na vida viver,
Sempre que sou um doador.
O serviço deixa prever
O prêmio de meu Criador.

Cf. Gn 2, 7; Mt 25, 14-30; Ef 4, 11-13;
Rm 12, 3-8; 1Pd 4, 8-11.



ORACÕES VOCACIONAIS

Pe. Antônio de Lima Brito nds

1 Ó Pai, sabemos que sacrificaste teu Filho, para salvar a humanidade inteira. Desejas salvá-la com a ajuda de todos. O próprio Jesus, entretanto, constatou que a “messe é grande e os operários são poucos.” Há muita gente que ainda não conhece teu Filho encarnado, Caminho, Verdade e Vida Plena. Em muitos lugares, há igreja fechada, altar sem sacerdote, Palavra sem pregador. Por isso, nós Te suplicamos, pela intercessão da Virgem Maria: envia-nos mais padres, religiosos, religiosas, agentes leigos. Santifica e conserva os que já nos deste. Aumenta seu andor missionário; que a Igreja tenha, em qualidade e quantidade, os operários necessários à realização de teu Reino. Amém.

2 Senhor, nosso Deus, vós amais a humanidade inteira e quereis, por isso, salvá-la do mal. Para tanto, enviastes profetas, juizes, sacerdotes e, no tempo certo, o próprio Filho. Por tudo isso, vos louvamos e agradecemos. Pai infinitamente bom e poderoso, reconhecemos nosso quinhão de responsabilidade, face ao vosso plano de salvação. Vosso amor é tão imenso que pretendeis nos salvar, envolvendo-nos também

como agentes, nesse projeto redentor. Sentimo-nos valorizados e encorajados com essa atitude. Desejais salvar cada um, com a participação de todos. Que bacana!

Senhor, nosso Pai, ao ver o povo vivendo como ovelhas sem pastor, Jesus teve compaixão dele e mandou-nos pedir mais operários.* Obedecendo a Ele, vos suplicamos:

- Fazei com que todos os cristãos orem mais, em favor das vocações.
- Motivai toda a Igreja, sobremaneira a hierarquia e superiores de congregações religiosas a promover as vocações, com mais e melhores testemunhos, recursos humanos e materiais.
- Dai aos responsáveis os meios necessários à implementação da prioridade conferida às vocações; que ela seja uma prática concreta em nosso meio, em favor das ovelhas sem pastor.
- Preparai nossos Animadores com a graça da santidade, liberação, competência e coragem, para que sua missão chegue ao êxito desejado.
- Ajudai os vocacionados com a compreensão e acolhimento de vosso chamado. Fortalecei-os, a fim de que superem todos os entraves impostos pelo mundo ao seu generoso sim.
- Protegei vossos operários já consagrados, dando-lhes a graça da fidelidade e perseverança.
- Enviai, Senhor, mais operários à vossa Messe.

Pai Nosso, Ave Maria, Glória ao Pai...

* Cf. Mt 9, 36-38.





A fé na ressurreição
implica, em nossos dias,
uma ousada revolução
no modo de se fazer
Animação Vocacional.




Pe. Antônio de Lima
Brito nds

Nasceu em Camocim, Ceará, em 1941. É membro da Congregação dos Religiosos de Nossa Senhora de Sion, desde 1965. Foi ordenado Presbítero em 1975.

Formado em Filosofia, pela Faculdade Nossa Senhora Medianeira, São Paulo, e em Teologia, pela Faculdade de Teologia Nossa Senhora da Assunção, São Paulo. É pós-graduado em Filosofia da Educação, pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo.

Trabalhou na Paróquia São José do Ipiranga, São Paulo, como pároco, mais de dez anos. Dedicou vinte e sete anos às vocações, prestando serviços à juventude, Animadores Vocacionais, congregações religiosas, dioceses, e escolas. Atualmente, coordena o Centro de Formação de Animadores Vocacionais Sioniense. CENFAVOS.



Princípios Norteadores da Animação Vocacional

“Muitos vocacionados não se percebem chamados por Deus. Sua vocação jaz em estado letárgico. Outros sentem-na, mas impelidos por um turbilhão de dúvidas, protelam o discernimento e o sim. Alguns, mesmo conscientes de sua vocação, rejeitam-na, por pressão de uma mentalidade secularista, hedonista, materialista, consumista, presente em nossa sociedade. Em contrapartida, um bom número, auxiliado pela Animação Vocacional, satisfaz, generosamente, a todos os requisitos do apelo de Deus”.

Com trinta princípios norteadores da Animação Vocacional, este livro pretende contribuir para a superação dos desafios atuais, enfrentados pelos Animadores.



CENTRO DE FORMAÇÃO DE ANIMADORES VOCACIONAIS SIONIENSE
Rua Costa Aguiar, 1264 - Ipiranga - São Paulo - cep: 04204-001
fone: (11) 2063-4219 - e-mail: cenfavos@bol.com.br